

Toamasina

Texto de Vítor Ribeiro-Santos,
sobre três fotografias.

*Todos os dias, todos os minutos,
aprendo umas palavras novas, bonitas,*

só para nós dois.

*Mesmo assim à nossa medida,
como um pijama de seda fina.*

Não queres?

Da carta de Ventura

As Fotografias

Os que ali estavam não o sabiam. E eu, que nem nascido era, hoje talvez o saiba.

Mas, em verdade, seria injusto se eu falasse nestes termos.

Então tentaria recomeçar.

*

Os que ali estavam não o poderiam saber. E eu – nem perto de ter nascido –, por mera casualidade, tantos anos depois, o soube.

e não ainda, no entanto.

*

Quando ali estavam, isto sequer existia. E nem mesmo eu, diante da imensa obra, no claro do hoje, o pude notar.

Foi Beatriz quem reparou por mim. Em seus olhos sempre tão atentos, sempre habitando nas frestas dos meus, foi Beatriz quem se pôs a falar.

-Era ali.

Como se explicasse a um peregrino o caminho, depois de ele já ter desistido.

Ao ouvi-la, em verdade, ao contrário do que sua voz poderia me sugerir, e muito além do sentido do que ela sugeria, eu não tive nenhuma dúvida de que

alguém como Charles Darwin

— o imagino ao menos um pouco simpático, ao menos algo acessível, porque só assim teria conseguido firmar as retinas sem pressa sobre os ainda mais tristes trópicos daquela época

— assentiria, concordaria, faria alguma observação sobre a profundidade daquela mirada (porque, sim, é verdade, Beatriz amava ler as certezas sempre tímidas de Darwin).

Eu odiaria que publicassem os nossos diários.

*

Diz-se que ver é unicamente sobre saber ver. Hoje concordo com isso como concordo com o dia:

diante do visto.

*

Diz-se — também — que ver é unicamente sobre saber ser visto. Se alguém me lê, eu devo concordar com isso.

*

Exposto o pressuposto, passaria a narrar o ocorrido.

*

Ao ver as fotos da última viagem que fiz à minha própria terra, foi Beatriz quem o notou; inventando, então, esta necessidade. É este o único fato.

*

Até então eu pensava que a beleza era algo que dependia da distração, eu gostava de como o sol batia nas folhas, de como o vento era fresco, era vivo, era onipresente, de como a luz escorria nas ruas, nas praias, nos rios das minhas cidades.

Mas então, daquele momento em diante, o sal da imagem decantou-se, deu-se a ver pelo suspender da voz: algo belo era apenas algo físico: com sua matéria, com seu peso, com seus relógios.

Porque Beatriz abriu-me as mãos, deu-me um nome para que apertasse entre os dedos: transformou todos os momentos – lembrados, sentidos, esquecidos, sentidos e esquecidos – em algo. Em alguma coisa: uma forma, que não minha, sua história: que outra, que infinitamente outra forma.

Mas outra vez passo a narrar para mim e, por isso, deixo então de narrar.

*

Beatriz, são minhas as duas mãos que novamente constataam.

Que calculam que, no instante em que a vida se torna palavra, pronto: olhe para o céu e ria: estamos feitos.

E devemos, então, fazer.

O nosso.

Com o que nos é alheio.

*

Mas nisso eu seria injusto uma vez mais. E então recomeçaria.

Porque, colocado desta forma, é como se Beatriz me tivesse arrancado a ingenuidade aos empurrões, como se me tivesse aberto um livro na cara e me obrigado a ver o óbvio de uma verdade brilhante: como se me tivesse colonizado com suas naus.

E, no entanto, Beatriz jamais o faria desta forma.

Tampouco verdade havia para ser anunciada.

*

Confesso que fui eu quem lhe perguntou, quem lhe pediu para que me explicasse. Beatriz, contudo, não tomou a pergunta como o ímpeto ou presságio de uma resposta. Este foi seu jogo, esta foi sua risada diante do que eu esperava que me retornasse como ponto final. Beatriz seguiu minha pergunta como se fora uma pista sobre quem perguntava, ou um tratado sobre o que significava perguntar.

Legado maior pode ser o nada: tudo pretendo.

E eu mesmo, aos meus próprios olhos, suspeito.

Tive, então, que recomeçar.

*

Eu estive ali muitos anos depois dos que não se lembram. Dos que sequer poderiam se lembrar.

Mas este *ali* é impreciso, é absolutamente difuso, disperso, tanto no espaço, quanto no tempo. Neblina que se revela apenas com os raios de um sol quase líquido. Daquele sol, especificamente. Fumaça sem fogo, que reina nesta distância da voz para as coisas.

Não.

Eu estive nalgum lugar onde apenas eu estive. E como isto coincidiria? Porque o *ali* é infiel, vário, redivivo. Porque sei onde estive apenas no instante em que estive; e porque outros como Beatriz só saberão vagamente pelo que fotografei, ou contei, ou menti, o que quer dizer *ali*.

O reino da palavra, onde vige a única lei sorridente.

*

Os que não se lembram evidentemente não fotografaram. Ou contaram. Ou mentiram.

Nem eu posso supor onde tenham pisado, mesmo que tenha sido *ali*.

Então, tentaria recomeçar.

*

Consigo me lembrar de ao menos três momentos em três lugares. Foram estes momentos que apresentei a Beatriz como uma espécie de justificativa. Três dias distintos: três dias distintamente belos; três dias um pouco, ao menos um pouco, nivelados então por seus olhos, e por aquilo sem forma que os antecede.

Terei que descrevê-los, os dias, suponho.

Como descrevi a ela, que ali não estava, e nunca esteve, mesmo se estivesse.

*

Em primeiro lugar, creio, falarei do segundo, como se fora o primeiro; em seguida, do terceiro, como se fora o segundo; e do primeiro, por fim, como se encerrasse.

Me traio neste ato?

Qual a ordem natural destas coisas? A ordem em que lembro, a que vejo ou a que suponho ser melhor para o texto?

O livro de Zumthor, os livros de Aleixo, o livro de Meschonnic, sob as fotos, não resistem por ora: estão fechados, calcários, não ensinam absolutamente nada. Neste exato momento em que escrevo. Na veloz cronologia que se inventa palavras puras, e que ignora o que consegui salvar das passagens de ônibus ou de barco, papeis preenchidos por homens que também ali não estavam.

*

Em silêncio? Como se traça a distância entre o lido e o livro?

(Correram dez minutos sob a ponte desta pergunta) o mais difícil é inventar um começo.

Se escrever é ser como deus, por onde deus, num dia talvez de outono, teria começado?

*

Escrever.

Eu andava por Cachoeira, só e úmido. A igreja tinha fechadas suas portas, mas eu já havia ali entrado há algumas horas. Me sentei na soleira mínima, onde a chuva não mais me alcançaria: era boa, sim, mas já tinha sido o bastante para mim. Tirei os sapatos, tirei as meias. Olhei adiante. Beatriz não estava lá, nem nunca havia estado. Poucas vezes na vida me senti tão só. A chuva ainda me alcançava. Os dedos frios como a vida prévia, e futura; como aquilo que margeia a felicidade ou mesmo a consciência de que não se é

feliz. Aquele instante – disposto como um cenário aleatório mas definitivo – me levou então a uma fotografia, como quem lança ao mar uma isca. Apontei em direção às pedras da rua (vão-se os dedos, os anéis, ficam as pedras da rua (onde surge o desejo e o alvo de qualquer tentativa?)). E fiz com que, mais uma vez, ficassem. As pedras da rua, congeladas em sua existência máxima, simplesmente são: esta é sua escolha abrupta, e definitiva: a imobilidade pela permanência, em troca. Eu fotografava ali sentado também. Mas estava a centenas de quilômetros de casa, e precisava voltar antes que anoitecesse. Somos seres partidos, como não são as pedras. Por isso sei que, agora, com a foto em mãos, quando me lembro e distingo e escrevo aquele instante sozinho – o único cristalizado dentre os demais parassempre perdidos nalguma curva da minha – e só da minha – cabeça – eu minto. Aqui está sua luz; aqui uns olhos diante de sua luz; aqui os motivos estrangeiros que me fizeram ali tentar o que quer que fosse. Aqui está também Beatriz, cujo corpo carrega em si uma voz grave – como se surgisse de dentro de um galpão vazio e imenso –, a resumir. Em Cachoeira, no entanto, diante da Minerva, a chuva se alargava e a luz se tornava em tudo distinta desta que tenho registro; sobre a Central da Bahia o sol já despencava sedento demarcando as fronteiras de minha pele; em São Félix as ruas desertas não me convidavam a que permanecesse, mas a que prosseguisse o mais rápido possível; na volta, o motorista me disse agarre esta porta como se disso dependesse sua vida, e é possível que dependa mesmo nos instantes em que incontáveis eucaliptos passavam (quem passava era eu, éramos nós). E nada disso está presente naquela foto. Nesta. Mas me vem – e segue me vindo – a cada instante em que a olho. Eis o espaço do encontro e do desencontro inevitáveis.

Escrever.

O terceiro. Você vai ficar aí mesmo? ele me disse e eu lhe disse Sim, este sol eu nem sempre presencio, e nem pode me fazer algum mal de fato. Ele me disse Então tá meu amigo e riu a risada fadada ao estrangeiro que erra os gêneros das palavras. Mas à dor que me sucedeu e à derrisão que me acompanhou, o enquadramento, o limite do que vejo nesta foto: um sorriso, galhos, um mar de fundo. Estar no barco e não ver o barco. Estar em uma ilha e perceber como se anda sempre ao redor do próprio eixo. Como o mundo é demarcado. Fui chamado pelo nome naquele dia algumas vezes, e confesso que isso é tão raro como o próprio ato de ser chamado. Percebo que já quase me perco outra vez do dia. Olhos mínimos: luz solar. Ruas de pés e de bocejos, o domingo infinito. Casas abertas, casas anunciando os nomes de seus donos, para que a dúvida não restasse: eu com minhas mãos esculpi esta matéria. Exausto daquele vagar, retorno ao primeiro banco, e me sento. Noto no chão um ponto luminoso, onde se encontram num curso a luz, os galhos, as pessoas que me chamam, meu nome, o que quero um dia escrever, as horas de um relógio quebrado, os olhos de meu avô e a voz de Beatriz. Cristalizar aquilo, como um âmbar, ou ao menos a remota possibilidade da existência *daquilo*, portanto. Que me doessem as costas na volta e que por dias não dormisse. Que se risse também de meus erros mais infantis. Tudo aquilo é parte do que fui e sou nesta imagem que tenho agora frente aos olhos, e que se assemelha de certa forma com aquilo que num domingo vi. Chove nos trópicos. Bom Jesus dos Passos, Beatriz, a fotografia entre os dedos aqui.

Escrever.

A primeira. É como estar em casa eu sei: e que poderia ser mais estranho que isso? Ou que poderia ser mais óbvio que esta pergunta? É como estar em casa eu sei. A cidade tem contornos agudos, sob a casca daquilo que parece perpétuo. Andar no outro sentido deste raciocínio é igualmente possível. Aqui tudo é para sempre e tudo simplesmente se deu; tudo é brutal e tudo estancou; tudo foi feito e tudo fizeram; tudo esteve e tudo é sempre. Santo Amaro: casas de mais de dois mil anos, cheiro de morte e de vida, iminência de mar e rastro de aves, madeira úmida. E ainda duas horas para o próximo ônibus. Estou só: e novamente nunca estive tão só. Mesmo quem se lembra já é morto há séculos. Para os vivos, um segredo a cada passo antecede. E pela sombra a luz se molda. Estou insustentavelmente só. E estou em casa, como prego disso. Creio que em minha vida nunca tenham se distanciado estas duas certezas. Mas sob a chuva fina da cidade-matéria, vejo como elas irrompem no mesmo espaço, pelo mesmo motivo, e ao mesmo tempo. A história se escreve nas ausências. Tenho Beatriz nos braços e tenho os braços pendentes. Enormes caminhões vazios levam consigo parte do calçamento, que permanece inteiro. Andei pelas mesmas ruas incontáveis vezes, sem que ninguém me visse; como uma vírgula, emendada à caneta em um texto já impresso, pelas mesmas ruas incontáveis vezes andei só. O mundo era uma matéria intransponível, e sobre ele eu encarnava uma forma mole e dispersa. Matéria e forma: os dias: aquilo que é distinto e que é o mesmo. A voz que diz que sou sujeito. Antes de partir, uma fotografia: a única em que apareço em toda esta vigília. Pego o ônibus e volto a onde moraria, fosse inteiramente outra esta vida. Sendo esta, me sento agora em uma mesa.

E então ter escrito.

À Bahia.

Uma ruga no canto de um olho denunciando o preço da vida.

A carne é sim restrita, como estamos nós restritos apenas à vida.

Um barco que leva seu avô cego sobre um mar verde, tranquilo, vazio de segredos..

A voz de Beatriz a gravemente dissipar que

*

Acho engraçado uma coisa em tuas fotos

parece haver nelas

ou em todos os lugares onde esteve

essas, essas flores vermelhas

diferentes

as mesmas

sempre

não sei

olhe você.

E então tentaria recomeçar.

Por qual lado do corpo se começa a conhecer uma pessoa? Ou por qual lado de sua voz? Existe voz dentro de uma pessoa? Existe mesmo a pessoa por baixo da voz?

Eu nunca pensei sobre nisso.

Ou por qual de suas palavras? Você escapa de mim, e escapará sempre. *Eu* sei disso, mas, e mesmo por isso, *eu* te persigo. Como uma raiz que afunda na terra, indefinidamente. Ou como uns olhos que, a despeito do horror dos dias, insistem em figurar nas nuvens um contorno. Isto *nunca* vai ter fim. Não procuro razão nas sementes, nem intenção na chuva. Não enxergo na vida qualquer propósito. Sei que passa também por isso – e neste século mesmo digo – o amor. O que *eu* chamaria, é verdade, de amor. Um esforço gratuito de fazer com que o corpo valha todas as suas penas. Que não cessam jamais de se revelar, de nos impor aquilo que os desavisados sussurram com as costas das mãos, pelo negativo: sim, o amor é um destino.

É verdade.

Um dentre nossos múltiplos e minúsculos destinos. Caules, gemas, nossa vida: isto. Arroios que percorremos, todos os dias: que, arremessados de sonho a sonho, cumprimos. Não como um fardo ou um fim pressentido, mas como uma partitura, cumprimos. Como plantar uma roseira e não adivinhar jamais a cor de suas flores, ou a direção de seus ramos; mas saber, ao mesmo tempo, que dali não sairá nenhum fruto suculento. Somos, nós mesmos, nossos corpos, essas plantas verborrágicas. Nos ramificamos a partir de um empuxo, a partir do dia, da cara que ele assume, de seu humor, de seus percalços. Este é um longo trajeto. Longo e decisivo. O movimento que fazemos para existirmos e continuarmos existindo. Somos todos, todos nós, isso tudo. Expostos ao que nos surge sem fala, sem rótulo, sem título. Ao que nos brota difuso na

carne do corpo, e na curva fria da memória. Ainda, e justamente por isso, no cume das horas, *eu* te persigo.

Sim, sem açúcar.

Do lado de fora, dobrado numa forma, sem que persista um único vestígio do caminho, esta história ourobórica de como ainda amamos. Vemos uma planta, passamos nela os dedos, eventualmente sentimos seu gosto, esporadicamente nos lembramos de seu cheiro. Temos aí a forma. Temos as rugas e as cores que permanecem absurdas, mesmo quando decoramos seus nomes possíveis. Mas *nisto* vivem nossos olhos apenas, *eu* insisto. *Nisto* estão ausentes as luzes, os minerais, os obstáculos, toda a aleatoriedade que convergiu para que se chegasse ao exato instante em que a forma se impõe como mais um porto para os barcos dos sentidos. *Nisto* impõe-se a planta em sua distância redigida, não, cartografada na ponta de nossos ossos. Reconhecer esta distância – mesmo no bojo deste século irônico e esclarecido – é assegurar a existência do que *eu* chamaria – sem nenhuma forma de cinismo - de amar.

E eu diria até cinco.

Mas há ainda outra distância, *eu* diria. Há ainda aquela que se impõe entre o que sabemos e o que não cessa de se tornar outro. *Nisto* temos sido seres-humanos. Nesta violência em que se lançam as coisas umas contra as outras. No meio de todas elas, na crueldade que usamos para tentar dar conta. Para pensarmos, simplesmente matamos. Dizemos “você não costumava dançar desta maneira”. Dizemos “eu entendo o que você está sentindo”. Dizemos “aconteceu em um dia de domingo”. Dizemos “esta árvore é natural de Madagascar, sendo, portanto, uma espécie intrusa”. A distância é para nós a negação de leis naturais que inventamos. Faz com que procuremos negá-la, ou torná-la absoluta. Faz com que nos calemos por anos, ou que corramos os túneis a gritar com os

mortos. Faz com que o destino assuma facetas cruéis, torne-se então uma faca de duas pontas onde, desesperados e aflitos, sem escolha alguma, nos ferimos.

Este passa no centro?

E, no entanto – hoje sinto –, que é apenas com esta perda que se pode fazer o que quer que seja. Ela é o resultado de qualquer procura. E se a perda foi o que me levou até você pela primeira vez, é ela o que, depois de todo este tempo, ainda segue a me fazer voltar. Desde o princípio, e ainda antes, tudo é perda, e tudo tem sido. Não há por que crer que somos diferentes de todas as outras coisas que existam. É a perda que me levará a pontos de ônibus, a outros países, a diálogos sobre um *filme* oriental em película, a mesas solitárias nas margens da cidade fria. Noutras tardes tão parecidas, será também ela que me fará ouvir canções angolanas, rever filmes já antigos, e te dizer o que me parece ser *seu* neste impulso em que me traço e me pertenco. Mas a perda não é a falta, eu insisto, e não se parece um único instante com isso. Então percebo que, sim, aprendi algo definitivo. Ora, é claro que me repito. Como se repetem as letras nas páginas de um livro, as pausas em uma canção, os frutos numa árvore frondosa em um dia faminto. Pois é isto, outra vez, o destino: isto. Eu escolhi estar aqui e, em um instante inatingível, eu nunca escolhi estar.

Não me disse nada naquele domingo.

As florestas, quando as sobrevoamos nas noites insones, quando as vimos refletidas no céu estrelado, se moviam para perto e para longe ao mesmo tempo, para dentro e para fora de si mesmas. Eram inapreensíveis, as florestas, fundando aos nossos olhos também um destino, uma beira: ainda a perda. Você dormindo se move para longe e para perto de mim, da mesma maneira. Você balbucia palavras que desconheço, você esboça gestos ainda inéditos, seu corpo é como um eco que ressoa a si mesmo. Disto

escolherei não *me* esquecer, mesmo que saiba da inutilidade deste desejo. O que restará decantado, no fundo de minha cabeça, quando um dia isto tudo finde? O que me permite ignorar a ausência de certezas e seguir a esperar que em minhas mãos algo permaneça, ao menos como risco, até o fim de meus poucos dias? Se o vazio for mesmo onde se erguem todas as catedrais e savanas, se de fato é em um ponto surdo que te ouço e te pressinto, e se é pelo espaço que se iniciam todos os gestos, como posso *não* trair a tua existência no instante em que sou fiel a meu desejo?

Eu pensava exatamente sobre isto.

Por isso desconheço teu corpo. Não sei ao certo onde situá-lo nisso tudo. Não posso supor que ele comece exatamente onde terminam minhas mãos. Como não há continuação visível entre terra, folha, semente, e fruto. É tudo distinto, e é tudo também o mesmo. Seu corpo começa onde começa meu destino. Isto é, no curso de minha vida, mesmo naquilo que é totalmente alheio à sua existência, mesmo naquele espaço em que minha vida não se deu ainda. *Eu* não sei onde fica esta encruzilhada. E não sei sequer em que *pensava* quando parti em busca de situá-la em mim, em ti, ou no mundo. A busca é o outro, sempre foi e sempre deveria ter sido. Seu corpo acaba também onde começa meu destino. *Eu* não sei o que te digo.

Ainda bem.

Assim como incontáveis coisas nascem todos os dias, nós não falamos porque queremos dizer algo. Nós dizemos. Lançamos sementes a esmo no mar, nas pedras, nas nuvens, nas fogueiras. Aqui estou diante de ti nesta noite. Diante de mim você tem estado ao longo de dias incontáveis. Ao redor de nós, vive e morre neste exato momento cada parte deste planeta, também aqui onde estamos agora. E o que temos é o resto

inominável disso tudo, o que permanece sem ser corpo nem voz nem dia. Sem nome que se ancore.

Pode falar.

E não haveria por que se lamentar disso. Como não há por que lamentar que não estejamos, em cimento e ossos, em todas as partes insondadas e cruas da terra. É esta a fundação de nossa casa: que, diante de uma luz imprevista, a desconheçamos. Não há por que lamentar-se disso. Como também não sei por que digo o que te digo, e unicamente me ponho a falar. Perder é minha escolha e, aqui, mais um dia te perco, e nós nos perdemos, e todos se deixam diariamente obliterar. E o que há além desta escolha é, unicamente, lutar em vão contra o que quer que se chame de vida. O mar é grande, incontáveis são as florestas, e tanto maiores quanto mais perto delas. Sinto teu corpo sob meus dedos e emudeço: é uma terra estrangeira em que, há séculos, vivemos. E é também o agora, ato e ausência em si mesmo.

Mas como dizer que sua dor é a minha sem que eu diga que é meu o seu corpo? Como dizer que eu sei o que você sente sem que eu tenha agora o seu nome? Como é possível se sentir em casa quando o mundo apodrece e renasce a cada segundo dentro e fora de seus olhos? Eu não sei o que é uma pessoa e muito menos o que são duas. Eu não sei que Estado é este que acidentalmente criamos juntos. Eu não entendo onde se escrevem e sobre quem agem essas leis. Eu permito que você me ame. Nisto está dada enfim uma resposta ou uma diretriz? Isto instaura uma normalidade diante do absurdo que é dizer eu? Isto cria um acontecimento à beira do abismo? Cessarão de nascer as plantas nas quinas da casa apenas porque nós nos amamos? No fundo, isto é sobre como pode ser possível ser e não ser real. Sobre como sentir é algo virtual, mas que se forma apenas debaixo de rios de sangue. São reais as florestas que nunca vimos? São reais as

canções que nunca tocamos? Estão mortas as pessoas das quais não mais soubemos? Todos têm uma resposta definitiva para isso. O corpo, no entanto, segue sem alegar os seus motivos. Eu permito que você me ame. Eu ordeno que você me ame. Eu prometo que nascerão as sementes. Eu juro que meu corpo reage a teu corpo. E eu o digo sem nenhum remorso: mas, e então? O que é uma pessoa, o que podem ser duas? O que podem ser duzentas e cinquenta? Ou duzentas milhões? Se me parece impossível falar sobre eu e você, como se pode falar de um bairro ou de um país? Por que frestas, fendas e nós passa minha voz? Resvala esta voz em algum dos corpos que ela tenta alegar ou defender? Você está me escutando agora? Com quantos absurdos se faz um precedente? Deve haver algo entre as pessoas que não sejam apenas os empurrões em escadas estreitas ou os insultos em avenidas empoeiradas. Deve haver algo entre eu e você que não seja o intervalo em que um corpo cede seu espaço a outro corpo. Que mediação impossível é esta? Eu te permito amar outra pessoa. Eu ordeno que você ame todas as pessoas que existam. Eu prometo que todas as plantas te amarão. Parece que os dias nada nos ensinam. As florestas amam umas às outras? Os cães preenchem seus coitos com amor? Amam os cães as florestas? O mundo parece ter passado muito bem sem esses problemas. Sem que o corpo e o corpo se diferenciasssem em um sopro. As flores não são vermelhas azuis ou amarelas salvo se as imaginamos em nossas mãos ou nas mãos de quem nós amamos. (Nas demais mãos sequer imaginamos). Têm irrompido animais que voam, que nadam, que rastejam, que pulam, que correm, que escavam, que hibernam, que morrem. Têm rebentado plantas que beijam o sol, que não se descolam do solo, que naufragam na noite da terra, que formam bulbos, estipes, folhas, espinhos, pecíolos, e que morrem. Independentemente destes nomes que eu aqui elenque, mas sem os quais você não entenderia o que eu estou pensando agora. Eu ordeno que você entenda. Pisamos no mundo e falamos o mundo, e ele não parece carecer de nossas

vozes. O que é uma pessoa? O que são duas ou duas bilhões de pessoas andando sobre o mundo e sendo-o? Por onde começar a procurá-las? Eu ordeno que você me esqueça.

Da abstração

O mar floriu os continentes, mas nós não lhe demos absolutamente nada em troca. Nós o enchemos de pedaços de madeira pregados uns aos outros, e então dissemos com orgulho desmedido que fomos *em navio* para algum porto empoeirado e distante. Estão nisso ilustrados, enfim, de maneira sucinta, dois dos principais processos que levaram a humanidade ao processo de degeneração e alienação vultuosas que conduz, na melhor das hipóteses, aos Estados bélicos e, na pior, à incompreensão dos ciclos da natureza. Com sua licença, prosseguirei neste raciocínio, que se pretende desdobrar simultaneamente em reflexão sobre a forma e sobre os efeitos, ao abordar a abstração como 1) distanciamento da verdade objetiva sobre o mundo e 2) distanciamento da verdade objetiva sobre nós mesmos, estando ambas as premissas absolutamente circunscritas uma na outra – a despeito do oxímoro da imagem. Andemos pelo mar, portanto.

Convenhamos, em primeiro lugar, que um veleiro não é um veículo. Um veleiro é, na melhor das hipóteses, um veículo de veículos. Supondo que os pregos e a cola que unem as tábuas de maneira em um barco sejam suficientemente bem manejados, notemos que o barco é um objeto imóvel. A mobilidade que propicia o deslocamento está, e como o esquecemos, no vento que sopra, na onda que quebra, na maré que escorre, em última instância na Terra que supostamente giraria. A linguagem, como um tirano, erra.

O mesmo se mostra quando deslocamos uma pena e a recolocamos sobre uma mesa como esta em que escrevo estas palavras: enfatizamos sempre a mão ou a pena, mas a mesa – sua indispensável e plana solidez – jamais: *a caneta está sobre a mesa*

dizemos, nunca *a mesa está sob a caneta*. Convenhamos, ademais, que é este mesmo princípio que, até então, nos tem feito contar as histórias dos monarcas, mas nunca as dos jograis que os mantiveram – indiretamente, como as nuvens aos homens – vivos. A linguagem permanece errando.

Por que então temos insistido, consciente ou inconscientemente, neste tipo de escolha linguística, que é também – como não deixaria de ser – histórica e moral, como se vê? A resposta é, pois, tão clara quanto o problema: a inata tendência humana à abstração cômoda. Com *cômoda* eu quero, em primeiro lugar, atentar para os atalhos pérfidos que elegemos para o caminho entre nós e as coisas reais; em seguida, para a própria compreensão das relações que o real tem para consigo mesmo, as quais observamos raramente com olhos suficientes nus (e nisto insistirei em texto futuro, valendo-me a vontade do Senhor em cumpri-lo).

Nosso uso da linguagem tem acompanhado com passos velozes e peremptórios os próprios usos que temos destinado ao mundo factível e natural, isto é, a transformação da existência em finalidade. Quando escolhemos colocar sob o luar do escopo do uso uma relação tão magnânima quanto a que se constrói entre barco – veículo de veículos –, mar – veículo *stricto sensu* – e pessoa – corpo veiculado –, resolvemos, em última instância, expandir para o mundo nossa certeza do esgotamento das características e posições possíveis para um objeto. Com este delito moral o discreto leitor já está familiarizado, contudo, já que sai aos mercados de sua cidade todos os dias e pode observar o que ali se tem operado, e por isso nisso não me estenderei.

O comodismo é, retomando, a palavra que melhor resume como temos fundido causas a consequências, meios a pressupostos, éticas a procedimentos, locais a ocasiões. Entendo, portanto, que a sociedade, tal qual se desenha, a partir da infinidade de opções

de conforto para os sentidos que oferece, acarretará a curto ou médio prazo por alterar as próprias configurações do que podemos chamar de nosso idioma, o pão que tínhamos sovado com tanta paciência pelos últimos séculos. Mas as palavras não são – ou não deveriam ser – móveis esculpidos, luxuriantes tapetes ou salas arejadas. As palavras são caminhos talhados em meio a uma mata virgem; ou ainda, invertendo o meio para o acessório, a própria faca com que se desbasta. Não devemos crer nas palavras como atalhos, nem nos vestir com elas buscando estancar o frio. Um idioma é uma maneira de tentar. Uma letra, em sua indisfarçável sinuosidade, é como a mãe que oferece ao filho contrariado um amargo remédio, mas que tão logo o curará, caso o tome apropriadamente.

A questão, novamente colocada, pode ser melhor ilustrada pela seguinte parábola, notória à sabedoria popular de determinadas regiões deste país. Certa feita, um camponês foi encaminhado para um hospital em virtude de uma incomum sobredose de água: pasmos, todos os presentes ouviram o homem balbuciar que havia ingerido sucessivamente vinte e oito copos do líquido vital. O homem vomitava muito e precisou repousar por dias, ingerindo alimentos salobros e condimentados neste ínterim. Após o período, os médicos aconselharam o camponês sobre a ingestão correta do líquido, no que foram rebatidos com afirmações sobre a impossibilidade de algo tão puro e bom poder deixar um ser-humano em estado tão deplorável. A conclusão lógica do camponês foi, portanto, que a água que ele havia ingerido estava, de alguma maneira, contaminada.

O que se extrai de conto tão simplório? Primeiramente, o aspecto principal daquilo que vínhamos até então discutindo: que a necessidade não faz a medida do excesso, e a recíproca é verdadeira; o mesmo se aplicaria à qualidade e à quantidade, é evidente. Mas, para além disso, algo que provavelmente passou despercebido pela

maioria dos leitores – até dos mais atentos – que até aqui estão acompanhando esta argumentação: a reiteração da água como ponto de torção para aquilo que chamamos de comodismo. Como? Mais uma vez surgiu esta imagem, em contexto e registro distintos, de fato: mas não notamos a reiteração, preocupados com o significado que a imagem poderia assumir. O leitor argumentou por mim neste momento, e pode comprová-lo para si próprio – ou a mim pessoalmente, sendo notório o lugar onde vivo.

Assim como os marujos são veiculados pelos navios e, sobretudo, pelas águas, somos nós veiculados pelo sentido mas, sobretudo, pelas palavras. Cabe a nós, como legítimos marinheiros, aprender a manejar cordas, velas, âncoras, timões e – a despeito porém conscientes do inegável despautério que é o acaso e toda a sorte de forças que podem subitamente nos subsumir por mais que saibamos lidar com elas – navegar.

O segundo ponto levantado a princípio, e que aqui adentro também com a graça de Deus e permissão do leitor, começa com a citação da trajetória do famoso filósofo que desistiu de escrever quando deduziu que jamais havia avistado uma única palavra em estado de natureza. Sua obra, então cultuada aos sete cantos do planeta, como se sabe, passou a ser o eloquente silêncio que então carregava.

Mas se aqui ainda falamos, pois, então, iniciemos a partir da deserção de tão afamado filósofo nossas segundas considerações. Em primeiro lugar, caberia pensar na motivação que antecedeu tão insuportável conflito: o que teria levado o filósofo a procurar sentido na natureza? Como viemos argumentando, esta questão é – para além de suas consequências – absolutamente salutar: é necessário procurar algo, de fato. No entanto, assim como não se procuram (usualmente) flores na prefeitura ou prefeitos nos campos, tampouco se deveria procurar palavras no mundo objetivo. A relação entre os

dois tipos de natureza que existem – a humana, sagrada em abstração, e a objetiva, sagrada em forma – não pode ser traçada a partir de uma relação tão (reitero o conceito) cômoda, surpreendente sobretudo vinda dos termos de um filósofo.

A palavra faz parte da natureza humana. O gosto, a textura, a cor fazem parte da natureza objetiva. Chamá-los por estes nomes é já o contrassenso que precisamos e que aqui estamos a delinear. Sendo humana a palavra, ela é abstração; sendo a palavra abstração, ela é humana. Notemos que em nada nosso raciocínio interfere na existência daquilo que é de natureza objetiva, e que ambas as verdades estão resguardadas pela matéria divina que transformam ou encarnam.

As palavras somos nós. Fazem parte da maneira como construímos pontes sagradas entre nossa carne factível e o dia indiferente, mas necessário. As palavras necessitam desta consciência para que possam assentar lugares produtivos em nossos corpos tristes, para que não cometamos os erros de abstração que invertem as consequências às causas e, portanto, nós ao mundo. Um erro de abstração é um erro de humanidade, e aí está uma recíproca a mais. Pode, portanto, ser a palavra – ou seja, a abstração – uma fonte dos equívocos que fomentamos em nossa própria natureza? Nossa resposta será afirmativa.

Notemos, assim, como uma relação deletéria com o mundo significa simultaneamente uma relação deletéria para conosco e para com as palavras. Consequência e causa entram em um moto-contínuo, e é esta vida que temos, para além da solidez dos paralelepípedos e para muito além da viscosidade do mar, que lidar. Analisemos, pois, o derradeiro caso que trarei a este texto e então passemos às considerações finais.

Há um homem muito rico, por herança, que tem como hábito roubar todos aqueles que passam pela porta de sua suntuosa residência. Muitas vezes estes roubos terminam em assassinatos torpes a sangue frio, ou em outras consequências sérias aos afetados, como ferimentos e amputações. Todos em determinada vila sabem que este homem padece de hediondo vício, mas sua posição social distinta faz com que o fidalgo permaneça reinando incólume entre seus criados. Certa feita, ao ser questionado por um amigo – minutos antes de assaltá-lo – o motivo desta prática, responde o homem com a seguinte fala: *eu nunca roubei ninguém, meu amigo. A única coisa que faço é tomar de volta tudo aquilo que é meu, mas que está disperso pelo mundo. As coisas chamam por mim, e eu atendo seu chamado.*

Ora, logo se veem dois aspectos nesta insólita historieta. A primeira é como a distância do impulso ao ato passa pela escolha de determinada palavra (não podemos saber em que medida, é claro – Deus o saberá). A segunda é como este homem afirma ouvir um chamado das coisas, ou seja, é evidente, por meio de palavras. Sua distorção de caráter e espírito deriva-se diretamente de uma relação igualmente distorcida com as palavras, desde seus pressupostos mais óbvios. Este homem não pode aceder à sua natureza porque não pode aceder à natureza objetiva – e cá o leitor tem a derradeira recíproca do texto.

A abstração, pois, não é mera questão de barcos, água e marinheiros: ela é algo crucial para que se compreenda o estado de coisas na atual sociedade que, justamente equivocados, chamamos de moderna ou desenvolvida. Ora, nossos vícios de linguagem, nossos erros situacionais denotam como não temos acedido a nossa própria natureza, e como o mundo tem escorrido pela fresta de nossas imprecisões.

Por isso concluo afirmando uma vez mais a falibilidade futura do que digo: caso um dia haja alguma sorte de maquinário que faça com que o olhar de um ser-humano escorra sobre o mundo e, como uma rede, o recolha, creio que nossa questão de hoje estará resolvida, e então toda esta problemática sobre as naturezas se dilacerará - assumindo eu, sem lamentações, a minha obsolescência. No entanto, enquanto tal efeméride não se situa no tempo (e notem como a imaginação é também um regime de abstração, sobre o qual futuramente falaremos, permitindo-o a graça de Deus), observemos a importância de assumirmos não só esta distância, mas os seus termos e as maneiras como os temos relacionado.

Não saber o que é por natureza um barco ou o mar tem feito com que estes elementos estejam sendo mal-manejados, usados para propósitos espúrios, considerados meios, trajetos, empecilhos para o que determinada nação ou indivíduo pretenda. Notem como não digo que o pensamento faz com que estas coisas existam equivocadamente, mas sim como nós temos equivocadamente existido ao longo do tempo em que nos expomos a elas. Deus assegura sua existência e a nossa, mas Deus não pode assegurar que estejamos construindo distâncias seguras entre essas existências.

Com isto posto, ponho termo à reflexão que me inspirou o dia. Devemos agir com consciência, falar com consciência, orar com consciência igualmente. No entanto, a despeito de todos nossos esforços mais justos e respeitáveis, nos lembremos ao menos por um segundo que as flores continuarão surgindo dos acontecimentos, nos acontecimentos, quer as vejamos ou não, quer saibamos ou não delas. A maturidade de nossa natureza passa por não achar que haja nisso nenhum achaque, nenhum tipo de contradição insuportável. Não há e nem não pode haver, isso caso haja entre nós algo que empenhemos para tentarmos dar conta daquilo que – com perdão da palavra – seja real.

Tenho para mim o mundo foi criado em um fim de tarde como este

como este?

um fim de tarde como este;

daí nos vemos aqui andando neste pedaço esquecido da terra. veja lá como a vida tem sido:

mas eu aposto que deus não se ocupa muito com isso

isso?

nisso também

nisso também?

como quase não se ocupou na criação deste mundo. é isso o que eu vejo.

e você diz as coisas assim desse jeito?

desse jeito. eu não acho que ele se importe com a gente neste momento.

neste momento?

também em nenhum outro. mas em particular neste.

e isso você também diz assim?

porque tem lógica. deus não deve fazer as coisas de graça. tem que ter um motivo ao menos. se não ele não tinha feito nada; eu penso. e penso que tem que ter um motivo. se deus se bastasse ele nada tinha feito. ele tinha ficado numa rede como eu gostaria

eu também

de estar agora mas acompanhe:

diga;

a gente assume que deus tem um propósito;

tá bem. mas primeiro a gente assume que deus existe

e que fomos criados à sua imagem

é importante dizer.

e se criar o mundo foi um propósito

antes de tudo

então a gente tem que ter um propósito também.

em que?

em tudo. que faz e vive nesta vida:

no entanto:

calmo sigo;

me diga então que propósito há em não sei dormir:

descansar, assim simples;

sim então em sonhar:

sonhar de desejar ou sonhar de dormir?

sonhar de dormir:

deixe eu ver;

diga então

aí já eu não sei responder assim.

mas olhe só:

então você diz que deus criou o mundo sem motivo.

eu digo?

diz sem dizer mas diz;

eu nunca pensei nisso.

pode pensar agora:

penso:

mas pense da boca pra fora:

é uma ordem também isso?

força do hábito de fato.

mas acho em alguns pontos. é fácil responder sua pergunta;

já agora?

porque. vamos supor que deus criou o homem para que o homem o amasse. nesse caso

me parece que isso seria algo que não convém com aquilo que dele temos sabido

naturalmente

então imagino que deus tenha criado os homens para que os homens pudessem ser um

dia felizes

felizes como deus?

felizes como homens e como deus. deus criou a tristeza. ele não pode ter sido apenas feliz ou ao menos se bastar nisso

você está me dando um nó meu amigo

é pra isso que eu ganho não é?

nós ganhamos

sim sim

mas então prossiga

a gente assume que deus criou o homem para ser feliz?

pelo menos neste instante assumimos

então você compreende que existe um motivo?

o motivo.

o motivo?

e deus nos criaria para sermos felizes? ou criaria a tristeza por estar entediado com a própria felicidade? quer dizer. ele não tinha nada para fazer e resolveu complicar as coisas para todos é isso?

é mas não é.

já chegamos nesse ponto?

eu vou explicar

vá lá

vamos pensar o seguinte. deus nos criou para sermos felizes porque isso o faz feliz. deus temperou a carne com sal e tristeza porque deve se sentir triste às vezes. uma forma de deus ser menos triste é criar os homens para serem felizes

e então

poder sonhar também mundos para si.

mas falta algo nisso:

falta o que?

falta o resto das coisas ora. só o homem deve ou pode ser feliz? todo o resto do mundo é um cenário para a

eu não sei

alegria do homem? porque eu acho que se o homem nasceu pra ser feliz também o mundo nasceria pra enganar a tristeza

também esta conversa?

e nada mais do que isso agora.

também aquele besouro?

aquele besouro também.

mas como no corpo dele

ele está correndo atrás de sua comida de um lugar fresco de uma parceira algo assim ora. que nem a gente à nossa maneira

eu sou casado

você me entendeu.

sim sim mas se for assim veja só:

diz.

você então se põe a desdenhar daquela imagem e semelhança que está escrita nos livros.

ao cabo é isto?

aí meu amigo você se complica.

e por que?

porque se o mundo fosse apenas para nosso gozo e se deus nos fez de fato à própria

imagem então ele seria o mais vaidoso dos vaidosos. como se dissesse que só os que são

como ele podem aproveitar do dia, como se este fosse o nosso banquete

admito;

então eu creio que o mundo só exista para isso. lâmpada para os pés. porque deus quer

ser feliz outra vez. ou menos triste. ou triste às vezes. e todo o resto é só miragem de

olhos castos sobre o preço que se dá aos alimentos.

sim.

sim?

sim sim. mas **aqui neste canto perdido de mundo o que?**

porque se há luz no coração de tudo não deve haver vazio. não deveria. mas como sentir

alguma coisa aqui? e por que mais temos conversado tanto sobre essas coisas como

sobre quaisquer outras?

só duvidamos porque tem sido difícil você sabe.

sim sim ser feliz tem sido difícil

viver viver no caso

sim

mas é necessário crer neste momento;

em que?

no mundo eu não sei

sim

ser feliz tem sido difícil

pelo menos que somos parte disso em algum lugar e de alguma maneira;

ser feliz

nem que seja apenas por saber

andamos para fora do fim de tarde. quem acompanha a quem meu amigo?

mas seguimos seguimos

há nisso algo em que nos unimos.

[15 km]

Mas naquilo do fim de tarde há crença ou há o que se sabe?

assim de onde?

eu me lembrei agora.

não eu não sei de onde.

real?

sim. honestamente.

por que a gente diz coisas que então não sabe de onde brotam?

isso não acontece.

como uma ave não sabe de onde vem o vento?

não sou uma ave.

mas você

eu entendi entendi

você acabou de fazer isso

ora

mas a gente sabe ou na verdade não

olha;

existe que algo sente em nós. é isso. e que se sabe só depois que se entende o que se

sente

sim

eu me sinto bem nos fins de tarde. me sinto feliz. mesmo com tudo que passa e zune.

nessa escuridão absoluta agora só o medo o sussurro a morte sinto. sinto falta. o que nos

pode estar ouvindo os sinais que as coisas riscam em nossos corpos. na tarde é tudo real.
aqui é presságio tudo.

mas

no fim de tarde todas as promessas se calam sabe? as coisas são de fato sozinhas em sua
matéria viva. e se realizam sem promessas

sem?

sem promessas.

então se deus criou o mundo num fim de tarde e se no fim de tarde não há promessas
logo deus criou o mundo sem promessas isso?

assim não literalmente porra.

mas agora agora

eu acho que sim acho a despeito de tudo eu acho.

e por que?

dê aqui a lanterna:

aí;

olhe esta flor

vermelha

igual a tantas outras vimos não vimos temos visto

prevista

e isso a faz algo menos do que se mostra?

não faz

era sobre isso que te dizia

eu não entendo

porque em primeiro lugar não há promessas. porque mesmo que a gente sinta que essa flor é bela ou viva ou vermelha ela não precisa disso para que seja

sim

porque escrever a palavra “flor” a afunda num palavrório mole que a faz perder o viço

sim

e ao redor deste país há infinitas coisas que nascem morrem e que não nunca serão vistas ou ditas

não

até que desapareçam sem deixar testemunha no caminho. abandonando a coisa pelo caminho.

ora.

não há promessa de felicidade ou morte ou vida nisso

e quanto à nossa firma acerca

é-se. a felicidade de nós para nós existe. ser feliz é tão único quanto ser triste. só gostamos de compartilhar às vezes os motivos

e siga

no segundo

isto

havendo milhares de flores diferentes o que persiste sendo promessa é o homem que diz
flores vermelhas. o que transforma o dia em imagem parada e/ou corrente

mas deus criou também as palavras em suas promessas:

não foi lá bem isso.

desde o do jardim quando se saiu dando nome aos bois e às pulgas e aos tigres de
bengala

e

e então o mundo enfim existia. no instante em que o disseram

daí digo. que ele criou apenas em nós homens a promessa

som e sentido

ou não. porque ela não vive no dia e se sim é porque nós a inventamos.

sim.

não vive nessa flor que em verdade vive de si pra si mas. já concordamos com isso. a
promessa é humana

é humana. a felicidade não carece de promessas.

porque não é humana

sim

porque é humana também.

e também.

sendo assim cá nós dois estamos ainda sozinhos neste ermo de vida

ninguém nos prometeu nada meu amigo

você sabe que sim prometeu

a esperar o que quem sei lá

também assim não duvide

só há dúvida porque um dia houve uma promessa

as minhas eu fabrico

mas isto foge de você.

você viu como eles

você sabe que não deveria.

é humana.

sim é humana.

eu queria um ponto no mundo que fosse um pouco menos frágil. ou que fosse frágil da

maneira como eu gostaria que

as coisas seguem nascendo do solo meu amigo

é o que se diz de fato

neste exato momento

dizem e seguem a dizer que dizem

mas a noite é por excelência o turno de duvidar.

[25 km]

Estamos nós dois aqui jogando uma partida contra a realidade e eu já estou cansado de
vencer

e vencer?

e vencer.

e somos nós mesmos também as peças. o mundo foi transformado em um jogo
inesgotável. dele não se escapa. temos ordens temos artérias temos ideias temos.

deus observa o jogo em silêncio.

e mesmo quando vencemos perdemos. por sabê-lo. porque a partida prossegue e agora
mais uma vez é dia claro.

de fato não nos prometeu nada.

não inventamos. não escrevemos quaisquer regras

pintaram todo o mundo de branco e preto

fale baixo.

este é um jogo terrível e só o covarde se dá ao luxo de não jogar

fale baixo.

no instante em que se sabe.

fale baixo.

se eu pudesse me esquecer de todo o futuro do passado.

[27 km]

É impossível ser justo neste continente

ou se erra para um ou se erra para outro. nunca se acerta. o continente é imenso as pessoas se descentram a justiça é cega deus é cego a luz aqui a nos cegar.

escolher a verdade é mentir de algum jeito. diante de tamanho despautério.

e mentir é ainda mais canalha do que isso. é se esconder do que pode ser ainda possível.

o continente é imenso.

inabitável em palavras.

os discursos nos abandonaram aqui no meio do real. de mãos vazias. de olhos secos.

mas não há lado de fora nem lado de dentro.

tudo é uma só coisa sem nome sem lado sem fronteira.

eu creio nisso como quem se lembra de um avô falecido

que a distância repõe em sonho.

o continente é perplexo.

pois há incontáveis pessoas perigos pactos périplos pelejas perímetros páginas palcos
poços possíveis passados percursos partidas paguros passagens presenças

perícias palanques padres presságios purezas padrinhos pesos promessas palácios
paisanas pupilas países palavras.

confiei que enfim me entendesse.

justiça está em não negar que há sorte.

justiça está em saber errar.

ao menos nisso triunfamos sobre deus.

[29 km]

[30 km]

de fato. é tarde uma vez mais.

deus é grande, a baía é grande, a dor que se sente é imensa. ainda que tenha se passado um tempo largo e indizível entre tanto. e ainda que este tempo seja só um vestígio do que de fato tenha, sob a pele, se passado. permita-me falar. a despeito da dor passada, da dor futura, da dor presente. permita-me falar o que quer que seja sobre este mundo, sobre esses barcos que daqui de meus olhos negros diviso. desta rua direita, de onde grita um jesuíta rouco pelas janelas puídas. permita-me dizer, mesmo que desajeitadamente, o que digo. deixe-me dizer como estes barcos – que navegam noturnos, que naufragam numa noite própria, que seguem impassíveis ao calor que como deus de um sermão desaba – possam ter existido. permita-me dizer que navegaram não só o oceano, mas os anos que se passaram – permita-me – entre o dia distante em que aqui aportaram e o agora em que os vejo e que então digo que os vi. mesmo que quase cega. permita-me não me permita. pois é isto impossível, o que pretendo, e o que tenho feito. desde o instante em que pretendo. os barcos que vejo não estão diante de meus olhos. você mesmo provavelmente não os vê. o napolitano contudo os distinguiria o casco, a cor das bandeiras, este verme, aquele filho da puta, mesmo contra a luz que incidiria contra seus olhos. eu apenas os enxergo, como enxergo as nuvens que passam acima de nossas cabeças. idênticas. a menos que as molde com a ponta dos dedos das velhas ideias, das imagens já atravessadas, finitas. a baía é mesmo imensa, meu deus. e nós de imaginá-la ou de vê-la a fazemos ainda maior. aqui estou diante desta paisagem sob esta luz durante este dia órfão. aqui estamos nós dois pisando neste século que transborda de nossos olhos e já afunda nossos pés num mar de merda e de glória e de destino. como se não nos fosse o bastante existir. diante de algo que não surge das curvas duras que este rio insiste em pronunciar. porque os barcos me visitam mesmo em sonho, mesmo nas noites insones. me visitam a cada instante em que me perco das estacas que a razão finca, demarcando os terrenos que são nossos e os que nos

são apenas vizinhos, alheios, pomares baldios. deste banco de praça o rio inunda de mares os meus barcos. isto não é um delírio. eu não sou louca, ou antes tivesse sido. em primeiro lugar, porque eu vejo e sei que tenho visto agora. e então mais nada. nada além disto que não seja enxergar, ver, divisar, e eu acho que é neste momento que nos desentendemos. permanentemente. todos nós, nós nos desentendemos. quando digo que vejo não simplesmente vejo, quase cego. o contorno é só uma parte do que há entre eles – os barcos – e eles – os olhos – e eles – o que vi. vejo os barcos por fora e vejo os barcos por dentro. ali estão a pairar, imóveis e silentes como um fantasma, como corpos pútridos que vieram à tona. a humanidade nunca mediu esforços para fazer falar seus erros. ali eu vejo os dias por inteiro. vejo o barco e vejo também as ripas de madeira do barco. vejo a madeira do barco e vejo parte amputada de uma floresta a boiar em forma de barco. vejo os insetos e as aves a habitarem o assoalho daquele barco. e vejo aqueles que sentiram os dias do resto de sua vida como um barco, à deriva como um barco. e os vejo ao mesmo tempo em que não os vejo, poucos os olhos, cega quase. sem saber onde aquilo está situado no tempo, ou nos meus braços. aí está como me assombram os sonhos e as horas lavadas. nada sabem sobre os gritos de liberdade e república e sossego que povoaram este século de espadas afogadas, de alegorias agudas, de poetas milionários. como trazem consigo sua dor, seus logros, seus movimentos. e como se juntam neste instante, no alto desta colina, em que não posso escolher o que vejo, em que não posso ligar os pontos para ver a forma daquilo que eu desejasse. nisto tudo vive a verdadeira dificuldade de dizer o que eu vejo. porque ao mesmo tempo não estão ali os homens, tão inabaláveis, que os conduzem. eu não os posso enxergar, quase cego. a baía é imensa, talvez mesmo maior que o mundo. desapareceram ou talvez nem sequer tenham um dia existido os homens. o que é também impossível, como esta cidade em que piso é impossível. mas daqui de onde os vejo, desta praia deserta, os barcos reinam

por si mesmos. possuem vontade própria, fazem parte de um desenho suntuoso que constitui o todo de todos os barcos do mundo, dispersos. o todo de toda miséria presa nos meandros de um rio que nela se escora. e talvez nisso venha algo que não seja só forma. um desejo de compreender o que vejo, por dentro, em gozo. os homens, há muito, estão mortos. os homens que talvez tenham conduzido os barcos, é claro. como os homens que não vejo, e que talvez os barcos um dia conduziriam. eu e você estamos vivas no meio deste século, contudo. e ainda falta ser descoberta e esculpida toda uma capital, em seus edifícios modernos à época. um trem passa, colorindo com seu barulho feio este momento. mas eu e você estamos vivos, vivos. a ponte treme, e eu pulo no mar. o mundo que nós sentimos, no entanto, permanece terreno. mortos estão os homens dos barcos, que avisto vazios tal qual desejo e sinto. ou sequer são nascidos, por ora. sim, eu me repito e, ao mesmo tempo, desminto. como esta paisagem. não é isto a história? este esforço de explicar aquilo que só você vê, ou aquilo que só você não viu. explicar para alguém que, como você, também vê ou também deixou de ver, em cor distinta, a mesma coisa. quase cego. está aqui no fundo desta baía fincada o verdadeiro norte de todas nossas esquinas. isto não é uma imagem. eu de fato enxergo a vida dobrada sobre si. isto é a realidade, como é teu o ouvido que ouve o teu ouvido. de tanto vê-los, posso tocá-los na ponta dos olhos, e ressoá-los na base dos cabelos. os barcos. persistem a despeito desta noite em que apenas o mar resiste ao marasmo do rio que enxergo. o mundo inteiro está louco, meu deus? ou o único louco é você, deus meu? como se explica a existência de todas as coisas que são impróprias, que não têm bordas? quem explodiria a própria praça da sé para poder obtê-la? quem permitiria que se incendiassem dezenas de vezes a foz de todos os esforços, as feiras, os bairros mais inteiros, os coágulos dos desertos? de que são feitos estes tijolos? a baía permanece imensa. mas eu ainda os veria diante das torres de uma cidade em tudo distinta a esta.

numa cidade sem praças, sem docas e sem ilhas. numa cidade em que dois homens, lado a lado, fincassem em palavras um compromisso. ali estariam aportados, estariam, sim, os barcos. mas não verás cidade alguma que não essa. loucura me parece, contudo, ignorar o que possa ser divisado – caro deus. no instante mesmo em que se dá aos olhos. sendo eu quase cega. e é muito difícil que não me repita. porque o mundo, tão diverso, desabrocha em palavras esguias, monótonas. não compartilho contigo nada. nem uma ponte, nem uma lembrança comum que me fizesse não ter que dizer cada coisa como se fosse a primeira. há centenas de anos te conheço. loucura seria esquecer, eu te digo. você se senta ao meu lado nesta ponte de ferros, os homens estancam a cachoeira, você acredita que eu simplesmente deliro ou invento. mas loucura seria esquecer, eu redigo. o dia é um mar como este que eu e você ainda vemos. inestancável. pressinto em teus olhos o cansaço pelo tempo em que estamos de pé, nesta rua direita, sob esta árvore vermelha, esperando uma resposta. esperando suas bombas, seus desembarques, seus naufragos. é imenso o interior do mar. é imensa também esta baía. os homens hoje são livres como são os miseráveis e os doentes. ancorados contudo permanecem os barcos. estão parados e se movem com meus olhos, os barcos. a luz deste farol é o bastante para avistá-los. trazem no seio uma floresta em potência e esgarço. trazem condensada esta cidade, as ladeiras ainda não traçadas, as encostas ainda não proscritas, os duelos pela posse da verdade, estas ilhas. a baía é imensa, e ainda maior em lembrá-la. a partir do caboto, como um pinho podre e frondoso, a partir dos nomes de família, isto. desta ilha costurada à linha fina, um dossel. eu te ouço a me escutar e não sei onde você agora me ouve. torta palavra ouvimos sobre nossos próprios corpos. deus é imenso, mas minúsculo a ponto de caber nas bordas desta hora. é preciso aproximar os olhos para escutá-lo. é preciso atentar-se às cores em que estamos presos. é preciso que sangrem nossos corpos em paisagens bêbadas e caudalosas como aquelas a que damos as costas.

que descansam os poros sob árvores, para que permitam que sejamos algo a mais. eu sei que você me escuta, do outro lado desta baía. aqui estamos nós dois, nós duas, com as peles aradas de embarcações. é como um campo minado, como um pressentimento, que amplifica em nossos corpos o tamanho desta baía. o trem passa sobre o mar agora. as pessoas estão trágicas, letárgicas, inundadas no interior por seu mar. a baía é imensa, e maior ainda em vivê-la. que crime cometemos e que milagres operamos. até que chegássemos a este estado. a esta sombra, a esta árvore. o absurdo nunca se precede. peneiremos com os olhos. mapeemos com os dedos. compreendamos com os ouvidos. a baía é imensa. fincada na carne por cruel, fundada na pele por ausente. minha peste, minha planta invasora, meu princípio. os barcos. ali começamos. ali aportamos como estrangeiros. ali fabricamos a gosto e contragosto esta cidade. ali somos gerados e nascemos sob as calçadas, na beira das praias, em ilha ignotas, em pátios de portos, nas costas de mercados, nos meandros de rios, nas esquinas de palafitas, nos ermos de roçados, nos agudos de ladeiras, nos terraços de terreiros. somos belos apenas porque doemos. e nenhum dos termos compensará ao outro minimamente. é isto este adágio, é isto este século, e será isso também os que surjam eventualmente dos dados que lançarmos. e que ainda verão no ar das praças os mesmos barcos. quer olhemos para fora ou para dentro. esta é nossa estória. aqui onde desce esta mouraria, este é o nosso templo. aqui onde me deito como ao colo de meu inimigo. e o condeno. ao longo dos séculos sérios nos quais rimos sem esquecermos. sem ignorar quem nos foi, ao longo do caminho, vilão, cruel, bilioso, meirinho. deste mundo de casas que os mares açoitam sem cansaço. desta gruta, da luz difusa desta candeia. e é neste instante em que você não me ouve. e é deste banco mesmo em que eu recomeço. a despeito do movimento secreto dos sonhos. a despeito da mulher que eu sou e que só poderia ter sido caso quisesse falar consigo. pode o dia calar por mim, mesmo que nunca em meu lugar. pode-se gozar

sem gozar neste dito. a baía é imensa. e maior ainda em dizê-la. comemorar o corpo sem esquecer os seus vermes. chorar os cadáveres sem esquecer de contá-los. e ser o homem que sou, sem culpa, sem bondade, sem maldade, sem pressa. por agora estar existindo, o sol nas costas. é este enfim o fado: e então dançá-lo.

retornaremos a este tópico no capítulo XVII, por ora me bastando um exemplo simples, mas que pode nos conduzir ao princípio de nossas conclusões e, ao mesmo tempo, nos elucidar sobre a posição que estivemos há pouco a defender.

Voltando-nos ao mundo natural uma vez mais, como é mister no programa a que temos aqui nos dedicado, podemos observar a *Delonix regia* como uma espécie que se valeu de uma contingência histórica e natural para se proliferar amplamente tanto ao longo do continente sul-americano quanto ao redor da África continental – isso desconsiderando sua inserção artificial no continente europeu ao princípio deste século, baseada unicamente em fins ornamentais, mas que atesta a inegável adaptabilidade desta espécie a diferentes condições de existência. Natural da área setentrional da ilha tropical de Madagascar, segundo os precisos registros de *Sir. Joseph D. Hooker*, esta árvore de flores vermelhas ou alaranjadas pode hoje ser contemplada em regiões de clima análogo – incluindo-se as supracitadas África continental e a América do Sul. Com este fenômeno, particular e propriamente datado, – que distanciadamente chamaríamos, em equívoco, de simples *acaso* – chegamos a implicações ambientais inegáveis, destacando-se como exemplo a ampla proliferação das *Delonix regia* ao longo da costa da cidade do São Salvador e arrabaldes, a nordeste do território do Império brasileiro, como os diários de outro viajante, *Sir. George Poyet*, fornecem espantado testemunho, e como pude presencialmente observar há alguns poucos anos, comprovando a justeza da vivacidade daquelas linhas.

Em suma, e retomando o cerne de nossa questão, nota-se que estamos diante de um processo que é analogamente natural e histórico, e que de lado a lado se condiciona na própria maneira como nós podemos hoje observá-lo, e simplesmente dizer que o observamos. Como somos mesquinhos ao nos julgarmos maiores ou alheios às circunstâncias! E como podemos ser pérfidos ao nos isentarmos de participação nestes

processos! Ainda que se proliferem como fungos os tratados de história natural que pretensamente deslocam o homem de uma posição de possível agente para a condição de inevitável paciente, acredito que pressuposições como essas sejam insustentáveis mesmo diante do mais transitório olhar ao mundo das espécies naturais, onde nosso estudo afinal se fia, e onde reinam as condições que pretende também atestar.

Postas estas considerações, retornemos definitivamente a nosso exemplo corrente e, a partir dele, sigamos para as demais implicações que aqui propomos colocar a lume.

A presença da *Delonix regia* em sítios dos quais não é naturalmente oriunda – presença mais ostensiva hoje nestes locais do que em sua região de origem – evidencia como características particulares de determinada espécie podem atuar decisivamente como princípios de conservação e adaptação em situações de deriva espacial. Destacam-se, no caso da nossa espécie em questão, a princípio de seu ciclo, a grande resistência das sementes e sua considerável manifestação por fruto – são trinta e duas a cada ocorrência – e, ao cabo, o volume extenso de copa, tronco e ramagem, sempre oblíqua e horizontal nos registros até então obtidos, que possibilitam um bom campo de difusão para as sementes.

A despeito do que se poderia deduzir por sua ostensiva visibilidade, relativa tanto à proporção quanto à cor, o que justifica sua nomenclatura técnica, a *Delonix regia* dá um testemunho considerável acerca do privilégio que espécies invasoras podem ter sobre as nativas em contextos favoráveis de adaptação. Observando-se os locais em que foi até então registrada em situações de interação natural – notoriamente a costa de Benguela, a ilha de São Vicente, os litorais de Maputo e Nampula e os arredores da Baía-de-Todos-os-Santos – é perceptível a rápida adaptação e a assombrosa ocupação

de território realizada por nossa espécie, estabelecida nestas regiões ao princípio e em meados deste século. Isto se deve, dentre outras circunstâncias, à ocupação de nichos específicos que então estavam defasados nestas áreas, ou seja, à presença e circulação de características ausentes no contexto geral da interação de espécies nestas localidades, pondo-se em relevo também os elementos naturais e climáticos que condicionam e possibilitam a vida em determinada região.

Nota-se que, no cerzir da vida, muitas linhas são ignotas ou desconhecidas. Mesmo que saibamos o desenho que resulta do todo deste processo cauteloso e, ao mesmo tempo, caudaloso, mesmo que sejam visíveis seus resultados imediatos, e mesmo que dele ativamente participemos, seus meandros em muito escapam aos olhares dispersos em que condensamos nossa experiência pretensamente civilizatória. A isto chegamos então às condições com que espécies como a *Delonix regia* se espalham todos os dias por continentes, campos, planícies, vales, ilhas, istmos, em suma, toda esta infinidade de locais em que a vida não cessa de se manifestar e reincidir. Este é um tópico espinhoso, sem dúvidas. Sobretudo pelo fato de nos conduzir sempre às bordas daquilo que, ao longo de muitos anos de certezas incontestes, negligenciamos por julgarmos inevitavelmente familiar.

A primeira questão que aqui levantamos, e que é consequência do processo que nestas páginas temos analisado, passa por considerarmos as condições que levam à expansão de determinadas espécies em detrimento de outras. Desde tempos remotos é possível encontrar registros da criação em cativeiro de espécies de interesse comercial, alimentar ou ornamental para determinadas populações que, a partir desta prática, promoveram conscientemente tanto a difusão quanto a seleção de determinadas características que, em dado contexto, regeriam o interesse de uma comunidade por uma espécie particular. Nesta situação localizada e ideal, em que vemos uma sociedade

proliferar modos de vida a partir da seleção artificial de espécies, parece não haver nenhuma sorte de dilema que determine ou dilua a valia destas práticas.

No entanto, já faz muito tempo que o homem deixou seus pequenos vilarejos e passou a tomar o mundo como o quintal de sua casa. Com isso, o que temos visto é o movimento não só de mercadorias ou de embarcações ao redor do globo terrestre, mas também de espécies até então apenas locais que ganham terreno a partir da fricção das engrenagens que movem este século, como moveram outras os anteriores. Temos, então, extensas plantações de cana-de-açúcar nas Américas, numerosas espécies de bovinos no continente africano, sem mencionar a presença massiva do ópio no Extremo Oriente, resultando na conhecida e vexatória questão ética e política para o Império Britânico, que em muito escapa aos intentos desta obra. O que nos importa, no entanto, é mostrar como o homem hoje é um operador amplo e ostensivo da vida natural, a despeito de seus débeis poderes diante do que faz, tem feito e fará a natureza ao longo de todos os dias em que exista algo neste planeta, e mesmo este planeta.

Podemos, diante destes fatos, compreender que há algo análogo na migração de certas espécies de aves entre ilhas do Pacífico e a presença de infindáveis plantações de café no continente americano? Ou o fato de haver qualquer tipo de intencionalidade ou de viés humano neste processo já o torna qualitativamente diferente em sua ética e suas implicações? Neste ponto parece não haver respostas simples possíveis. Como tem-se redefinido os termos com que a vida se manifesta neste planeta! E como sequer podemos nos eximir desta responsabilidade havendo ali as nossas próprias pegadas! Porque, considerando que uma espécie introduzida em um continente possa simplesmente devastar uma espécie nativa ou requalificar toda a cadeia alimentar de uma infinidade de outras espécies locais, vemos que a ação humana – para muito além de seus próprios limites – pode simplesmente produzir alterações irreversíveis em

populações que levaram milhares de anos para assumirem sua configuração atual. Por outro lado, assumir que o estágio contemporâneo de determinada espécie seja definitivo ou teleologicamente posto é também um equívoco que levaria a uma visão de um processo evolutivo concluso, limitado e direcionado, e do qual a história dos homens seria simplesmente alheia.

Neste ponto, caberia observar caso a caso de que maneira as mãos humanas têm agido sobre determinados locais, espécies ou indivíduos, e como não se poderia tomar nenhum tipo de juízo moral sem se observar as particularidades de dada situação. No caso de nossa *Delonix regia* – catalogada à ilha de Madagascar a partir dos incontáveis esforços do Sr. Wenceslas Bojer, que conheceu esta espécie ao largo de Toamasina a princípios da década de 1820 – sua ampla difusão e adaptação ao longo dos mais variados locais ainda é motivo de consternação e espanto. Nota-se, pelos escritos do próprio Bojer, que poucos anos depois de sua catalogação, já havia indivíduos bem desenvolvidos desta espécie ao longo da costa da Índia, do Ceilão e das Ilhas Maurício, fruto, sobretudo – e isto é o mais intrigante –, da própria ação do botânico junto aos governos locais a fim de difundir esta espécie para intentos de ornamentação. Poucos anos depois, contudo, o Sr. Alfred Wallace observa a presença de indivíduos desta espécie na costa de Benguela e na cidade do Mindelo, sem que houvesse registros sobre os processos que haviam levado àquele resultado. Ademais, em meados dos anos 1830, constatei eu próprio, como já posto, inumeráveis exemplares de nossa árvore ao redor e dentro da Cidade do São Salvador, no território do Império Brasileiro, da mesma forma como o Sr. George Poyet pouco tempo depois constatou, também sem oferecer – por não possuir, naturalmente – maiores explicações sobre o que teria levado a *Delonix regia* até ali.

Vê-se tão logo como a questão é complexa mesmo dentro da história particular de uma única espécie tomada isoladamente – uma possibilidade afinal inverossímil em condição natural de interação. Se, em direção ao Oceano Índico, a expansão de nossa árvore se deve sobretudo aos esforços concentrados de um único homem – o obstinado e já citado Sr. Wencelas Bojer –, rumo ao Oceano Atlântico há poucos vestígios acerca do percurso feito pela *Delonix regia*. Sabe-se que, à cidade do Rio de Janeiro, capital do Império Brasileiro, houve um esforço do governo em transportar esta espécie com o objetivo de ornamentação de ruas e canteiros; contudo, isso não explica como, à cidade do São Salvador, a uma distância impressionante, haja tantos indivíduos desta espécie. Deduzo, então, que o princípio deste enigma esteja em Toamasina, onde Bojer encontrou a *Delonix regia* a princípio.

Sabe-se que o rei malgaxe Radama I foi o principal responsável por transformar Toamasina no principal porto da ilha de Madagascar, e que é a partir de seu reinado – coincidente às viagens de Bojer – que se transforma em fundamentalmente escravista a economia da região. Desta forma, inicia-se neste período a ampla circulação de embarcações mercantes entre a ilha, o continente africano e o Novo Mundo, notoriamente a América do Sul. Seria viável que este tipo de transporte carregasse as sementes de nossa árvore e as disseminasse ao longo dos portos por onde passasse? Diante das características das sementes até hoje descritas, pode-se concluir, em primeira análise que, sim, isto é algo perfeitamente viável, e que são inumeráveis as contingências que podem ser suscitadas ao longo do caminho destas embarcações, incluindo a direção dos ventos e correntes marítimas. Como já citamos em outro ponto desta obra, é o Cabo da Boa Esperança um dos locais de maior variedade de espécies vegetais já registrada no planeta, e muito disso se deve à ostensiva circulação de

embarcações oriundas de todas as partes do mundo: no caso da *Delonix regia*, não há razões para desacreditar em vicissitudes similares diante de tão eminente precedente.

Logo vemos como o homem tem sido capaz de semear situações paradoxais. Pergunto-me, então, se é possível simplesmente sentar-me aqui nesta mesa, portar a pena e, ao cabo, descrever os processos de difusão da *Delonix regia* ao longo dos continentes ou se, por outro lado, há algum tipo de dever – incrustado nas entrelinhas de uma história natural – em considerar a espécie uma portadora simbólica da tragicidade que rege este século que insistimos em presenciar. Nenhuma resposta é simples. Temos a hipótese forte de que é apenas às custas da absoluta barbárie que, hoje, alguém se deita sob a espantosa sombra de uma árvore à cidade do São Salvador ou no Mindelo. E temos o fato de que o homem propõe misérias e violências como maneira de se convencer de que cumpre todos os dias sua missão nas capitais da Europa ou nos portos tópicos dos trópicos. Onde situamos aí nossa agência nesses processos? Onde começa a observação do mundo natural e acaba dor dos indivíduos que estão a viver este mundo? Em que medida deveria ser esta obra um tratado também sobre as leis que regem o mundo dos homens, sendo ele simultaneamente natural e não natural, como se tenta insistentemente ocultar? Resta-me pensar, no escopo deste texto, que é a natureza que carrega em seu bojo mais fundadas razões.

Consideradas estas questões, contudo, nota-se que o exemplo da *Delonix regia* é didático para que percebamos aquilo que vínhamos observando no capítulo XII desta obra, e que passa diretamente pelas precisas pesquisas propostas por Sir. Robert Walsall a partir do cultivo de espécies vegetais nativas da Escócia introduzidas na região de Yorkshire: a este ponto agora retornaremos, buscando aprofundar nossas conclusões sobre espécies adaptadas. Devemos considerar, a princípio, a presença de espécies de inflorescência relativamente

-não:

isto-sim:

eis-eis-outra-vez-sim-eis:

eis-outra-outra-vez-eis-sim:

quente-dentro-fora-sim-isso:

quente-quente-onda-sim-quente:

quente-ainda-ainda-quente-sim-isto:

como-não-quente-como-não-quente-sim:

se-não-quente-como-onde-ir-não:

lado-fora-como-fora-se-não-quente:

onde não-sim: onde-onde: quando não:

agora:

agora: sim-sim:

agora-agora-agora:

parte-da-parte-fora-parte-dentro-sim:

parte-agora-dentro-parte: sim-eis:

agora-agora-agora:

sim:

agora-ainda-mais-agora-ainda-mais-sim:

parte-de-dentro-parte-dentro-isto: sim:

isto-sim-isto-ser-isto-agora:

sentido:

sentido-mina-brota-sim-agora:

calor-fora-calor-parte-dentro-sim-agora:

calor-escorre-calor-mina-molha-agora:

calor-dentro-calor-parte-meio-agora:

calor-desce-calor-gira-dentro-agora:

quente-escorre-dentro-sim-sentido-agora:

agora:

tudo-agora-só-agora-tudo-só-tudo-só-agora:

desce-o-sim-espiral-do-sim-agora:

calor-curva-em-que-calor-do-sim-esgota:

calor-volta-isto-descendo-tudo-agora:

curto-cresce-calor-quente-move-agora:

sim:

calor-inteiro-nada-inteiro-agora:

calor-sereno: frio-movente: frio-do-quente-do-agora:

calor-frio-ainda-ainda-ainda-quente:

calor-frio: calor-caminho:

cala-agora:

gira-roda-gira-gira-gira-roda:

corre-sal-vontade-quente-outro-sobe-fora:

passa-centro-dobra-fio-acima-roda:

toca-rela-roça-passa-corta-lado-fora:

agora:

agora-sim-agora-perto-sim-perto-agora:

calor-força-limite-força-do-limite-fora:

dentro-agora: agora-fora: agora:

lado-de-dentro-lado-de-fora:

empurra-limite-dobra-curso-algo:

calor-si-mesmo-pulso: sim:

empurrar-por-si-mesmo-dobra:

dentro-breve-lado-fora:

algo-a-si: tudo: algo: agora:

curso-esteio-cadena-pulso:

agora:

de-fora-escorrendo-espirando-dobrando-descendo-animando-espantando-tingindo-
salgando-subindo-girando-rodando-tornando-cindindo-escorando-esbatendo-forçando-
forçando-forçando-forçando-forçando-forçando-forçando-forçando-forçando:

agora:

tudo-pulso-tudo-pulso-tudo-a-dobra:

dobra-o-plano-dobra-o-sim-o-sim-a-dobra:

dobra-a-firme-enquanto-dura-sim-a-dobra:

perde-exala-toca-o-sim-o-sim-pra-fora:

pulsa-sim-e-sim-limite-fora-agora:

tudo-perde-tudo-o-sim-o-sim-pra-fora:

dobra-não-o-sim-o-sim-o-sim-a-dobra:

cede-fundo-cede-no-sim-sim-agora:

cede-ali-cede-ali-ali-agora:

afrouxa-pulso-pulso-pulso-sim-afrouxa:

lado-de-dentro-lado-de-dentro:

lado-de-fora-lado-de-fora:

restos-calor-espira-gira-rola:

desce-resta-afasta-tempera-lenta-lenta-agora:

empurra-agora:

lado-de-dentro: lado-de-fora:

lado-de-fora: lado de fora:

lado-de-dentro-agora:

vento-frio-entra-toma-não-lá-fora:

rola-restos-aqui-dentro-empurra-fora:

ser-maior-ser-tudo-ser-algo-ser-agora:

ceder:

[illegible]

agora:

isto-agma:

isto: agora:

sendo-outro-sendo-algo-ainda-agora:

deixar-ser:

não-deixar-cessar:

ser-maior-e-maior:

empurrar-e-mais-ainda-empurrar-pra-fora:

empurrar-dentro-dobrar-dentro-lado-fora:

quando-pulsar-correr-pulsar-ser-pra-fora:

quando-ser-ser-ser-sim-ceder:

ser-ceder:

não-deixar-de-cessar:

quando:

[illegible]

sim-sim-ser-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-ser-sim-sim-sim-sim-sim-
sim-sim-sim-ser-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-sim-ser-sim-sim-sim-sim-sim-
sim-ser:

sim-sim-sim-ser-ceder:

sim-sim-ser:

sim-sim:

sim-

Em 2016, Victor Heringer fotografou uma calçada arruinada pela raiz de uma árvore.

Em 2014, o engenheiro agrônomo Gaspar Yamazaki não recomendava a plantação de Acácias-Rubras próximo a áreas residenciais, em função de suas *raízes grandes, superficiais e violentas*.

Em 2013 meu avô desistiu da teimosia dos dias. Deixou atrás de si, contudo, um imenso campo florido, onde escrevi este livro.

1983 presenciou os relatos de Chris Marker sobre Amílcar Cabral.

Um zepelim sobrevoa o Farol da Barra quando vige o número 1934 nos calendários.

Nasce Zeca em uma ilha repleta de árvores ao ano de 1924.

Em 1859, Darwin publica *A Origem das Espécies*. Antes, em 1831, havia pisado na Bahia pela primeira e última vez. Maior que a beleza da vida pode ser a crueldade do homem que vê no mundo um cabedal.

Wenceslas Bojer chega a Madagascar em 1824.

Na cidade de Lisboa, em 1536, Fernão de Oliveira decide publicar uma gramática. Quase simultaneamente, seres-humanos rotulados como portadores de pele-negra são forçados a desembarcar numa praia do Recôncavo Baiano pela primeira vez.

Os portugueses chegam a Benguela em 1578, à Bahia em 1500, a Moçambique em 1498, e a Cabo Verde em 1460. Eles já conheciam as palavras *morte* e *vida*, datadas de 1266 e 947, respectivamente, segundo o dicionário Houaiss.

Este texto se encerra no ano de 2020, e é dedicado a José Ramos Santos, Beatriz e Victor Heringer, a quem, por não ter conhecido, jamais cessarei de conhecer.